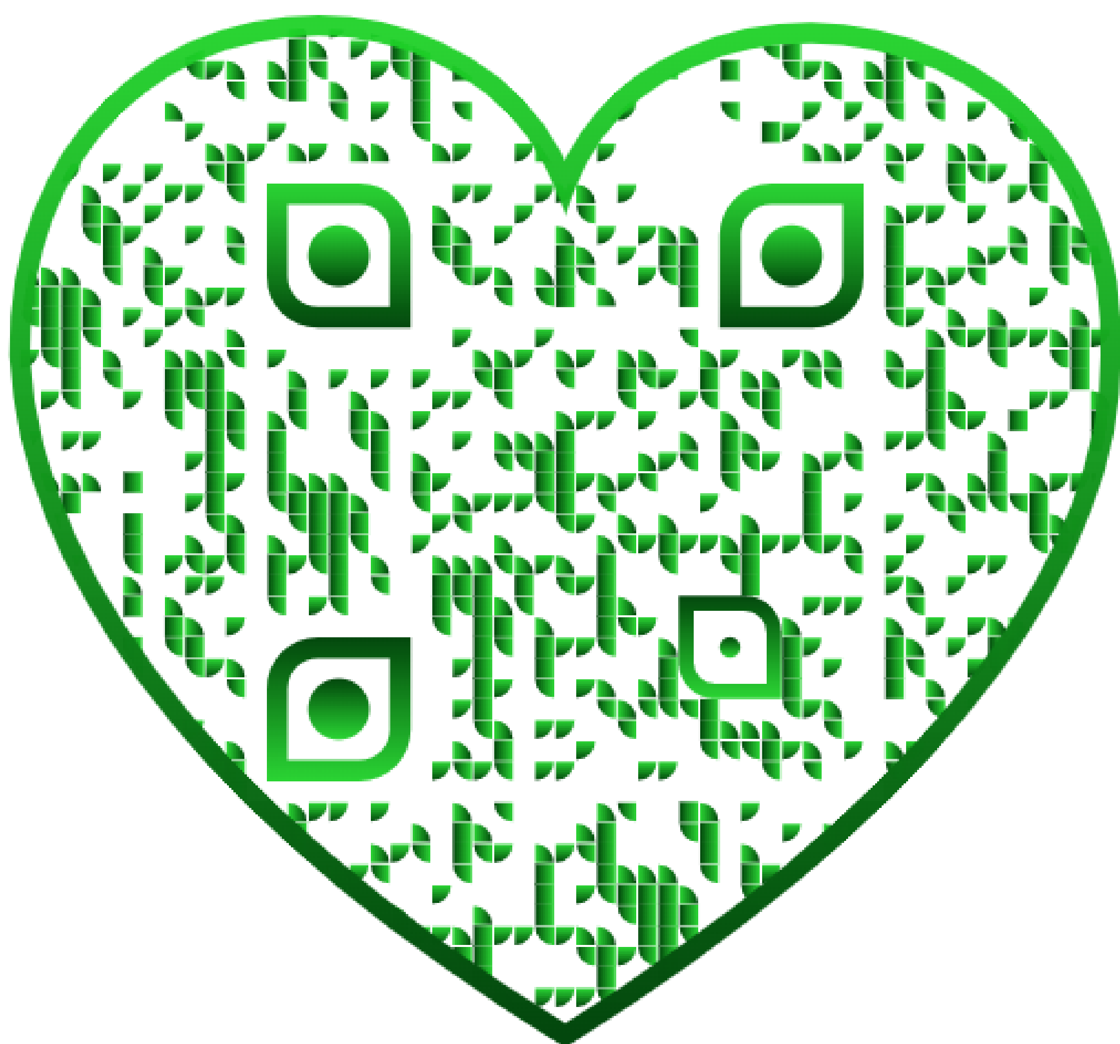
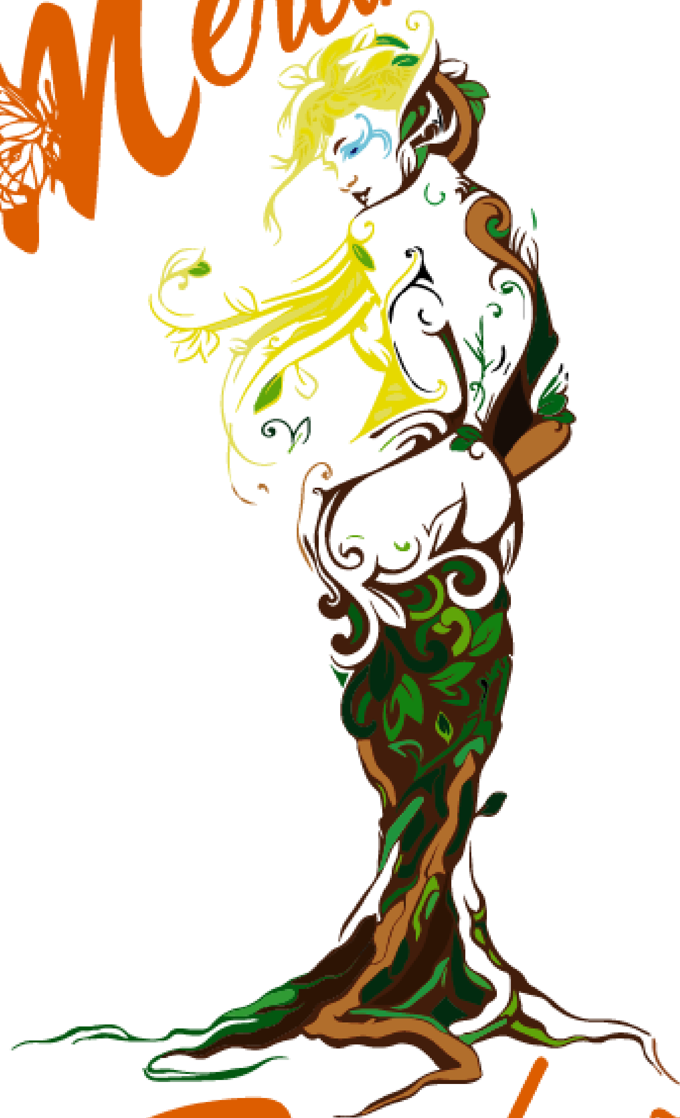
UM CONTO WHITE LILY

O Duque Vampiro

Juliete Cross



Meraki



Traduções

O Duque Vampiro

Antes de tudo acontecer...

Brennalyn sorriu enquanto caminhava de uma criança para a outra. No final do dia, ela espalhou o pano velho no chão da escola para aparar os pingos de tinta. Cada um deles escolheu um lugar e agora trabalhavam em um silêncio satisfatório. A primeira neve da estação ainda não havia caído e o vento estava ameno, então era a tarde perfeita para abrir a porta, permitindo que o ambiente ficasse mais ventilado e deixar as crianças desfrutarem de alguma expressão criativa.

Eles precisavam de uma pausa. E ela também. Ela passou muitas horas em seu projeto especial no porão de casa, recentemente, o que acabou por deixá-la exausta - fisicamente e emocionalmente.

Brenna parou e se inclinou de costas para a porta, admirando uma pintura simples, de uma menina bonita andando em um campo de flores.

— Isso está muito lindo, Helena. — ela disse a filha adotiva mais velha, agora com dezesseis anos.

— Lindo mesmo. — concordou uma voz profunda e melodiosa de um homem de pé, atrás dela.

Brennalyn se assustou e se virou para repreender o intruso em sua escola, apenas para encontrar-se cara a cara com o homem mais assustadoramente bonito que ela já tinha visto. Não, homem não. *Vampiro.*

Vestindo seu traje nobre, com o cabelo castanho roçando em seus ombros, os lábios cheios e em uma harmonia perfeita e fina com suas maçãs do rosto, mandíbula e nariz. Tudo isso entregava que se tratava de um vampiro da nobreza.

Seus olhos – de uma cor azul safira intensa - eram os olhos de um homem que via muitas coisas e tentava mulheres indefesas com muita frequência. Ainda bem que ela não era uma dessas. Mesmo que ela mal pudesse formar palavras enquanto olhava para sua figura imponente.

— P-perdoe-me? Você é...

— Me desculpe. — Ele sorriu com o diabo em seus olhos, em seguida, educadamente se curvou. — Eu sou Friedrich Volya, Duque de Winter Hill.

Por todas as estrelas! Ela fez uma rápida reverência e enxugou as mãos manchadas de tinta em seu avental sujo.

— Sua Graça. Que visita inesperada.

Ela era a professora de Terrington há três anos e só havia visto o Duque de longe. Ele nunca havia aparecido na escola, até agora.

— Peço desculpas pela minha negligência, Senhorita Snow. — Ele sabia o nome dela. Claro que ele sabia. Ele era o Duque, pelo amor de Deus. — Mas, eu achei que era hora de finalmente conhecer você e ver como as crianças locais estavam se saindo em seus estudos.

Enfiando uma mecha rebelde que havia caído de seu coque atrás de sua orelha, os olhos dele, que tudo viam, seguiram seu movimento com escrutínio aguçado, ela lambeu os lábios secos e gesticulou em direção às crianças.

— Bem, você nos pegou aproveitando nosso tempo dedicado às artes, Sua Graça. Em breve, não poderemos manter a porta aberta para pintar, quando o inverno chegar. Por favor, venha e veja o trabalho deles.

Dois Legionários vestidos de vermelho e preto estavam na varanda, de costas para a escola. Isso só aumentou a consciência da importância dele e de seu estado desgrenhado, no final de um longo dia.

Ele andou devagar.

— Eu aprovo jovens mentes que apreciam as melhores atividades de arte e desenho.

Ele parecia genuinamente envolvido no que as crianças estavam fazendo. Intrigada, Brenna o observou, incapaz de não admirar o modo como seu terno escuro se encaixava perfeitamente em sua alta e larga estrutura.

Não deveria um Duque cavalgar em seus cavalos, caçar com cães de caça ou perseguir alguma dama nobre inocente?

Brenna ouviu algumas senhoras sussurrando sobre ele na loja de conveniências, no mês passado. Uma delas havia sido selecionada como sua bleeder na semana anterior. Brenna não podia deixar de se inclinar para ouvir mais, pegando frases como *dedos habilidosos*, *língua perversa* e *morrendo de êxtase*. O episódio a fez zombar dos tipos de mulheres que se ofereciam como bleeders e, aparentemente, como amantes ao Duque de Winter Hill. Agora que ela finalmente o viu de perto, ela entendeu o fascínio. E, no entanto, seu sincero interesse pela obra de arte infantil o tornava ainda mais sedutor.

Ele se agachou ao lado de Denny, o mais recente órfão que ela levou para sua casa. Denny não falou uma única palavra desde que ele foi encontrado na parte de trás da carroça de um fazendeiro, que parou para entrega aqui em Terrington.

O Duque apontou para o desenho de Denny no carvão.

— Você sabia que, se você escurecer essa árvore em primeiro plano, vai adicionar profundidade ao resto da pintura?

Denny virou um olhar inquisitivo para o Duque, antes de sombrear um pouco mais, como ele sugeriu. Então, ele fez uma pausa e sorriu para ele.

Brenna o seguiu, mantendo a distância, mas perto o suficiente para o caso dele ter perguntas para ela. Ele seguiu em frente e parou acima de Izzy, cujos cachos dourados estavam selvagens como sempre, depois do intervalo da tarde no pátio da escola.

— Você tem muito talento para alguém tão jovem. — ele comentou, olhando para baixo. — Mas, eu me pergunto que tipo de flor negra é essa que você está pintando?

O coração de Brennalyn acelerou quando ela viu o que Izzy havia pintado. O assunto favorito de Izzy, desde que Brenna começou a fazer discursos e a contar histórias sobre isso, em casa. Discursos que ela poderia ter mantido longe de sua filha mais jovem, extremamente ousada e vocal.

— Esse é um lírio negro[1]. — Os olhos azul-celeste de Izzy sorriam para o Duque. — Ela está vindo para nos salvar. Ela diz que sempre há escuridão antes da luz.

O pânico atingiu Brenna. Com uma risada nervosa, ela disse.

— Oh, Izzy. Que imaginação você tem, querida. — Antes que Izzy pudesse abrir a boca e incriminá-las ainda mais, Brenna bateu palmas duas vezes. — Isso é o suficiente por hoje, crianças. Por favor, coloquem suas pinturas no aparador.

Ela se ajoelhou e pegou a foto condenadora do lírio negro e conduziu Izzy para longe.

Céus a ajudassem se ele decidisse interrogar Izzy sobre sua reação incomum. Melhor levá-los todos para fora, o mais rápido possível.

— Nós fomos dispensados cedo? — Perguntou Simon, o filho do açougueiro.

— Sim, vocês todos trabalharam muito duro hoje. Eu acredito que merecem uma recompensa. — ela disse, alto e forte.

— Não se esqueçam de colocar seus pincéis no balde e suas paletas no lavatório.

As crianças correram de uma só vez, guardando as coisas no aparador e em suas mesas, em um caos ordenado. Brenna se ocupou de esvaziar as lata de água suja da pintura em um lavatório e empilhar no aparador, o tempo todo tentando ignorar o intenso escrutínio do calmo e silencioso Duque de Winter Hill.

---

[1] Black Lily, ela fez menção ao movimento de revolução no qual se baseia o enredo do primeiro livro e dos demais.



Friedrich tentou estabilizar seu próprio pulso acelerado, seus sentidos predatórios ganhando vida no momento em que ele entrou na escola e sentiu seu cheiro de rosa do inverno.

Por quê, em todos os céus, ele nunca fez uma visita à nova professora de Terrington? Bem, ela não é mais tão nova. Depois que a idosa Sra. Crumb se demitiu e se mudou para o sul, para morar com a sobrinha alguns anos atrás, ele pediu ao seu gerente para contratar uma substituta, como era de praxe.

Ele nunca soube que essa beleza de cabelos negros e lábios vermelhos vivia em seu meio. Embora ela tentasse diminuir suas curvas exuberantes sob um vestido cinzento e sem graça, não adiantava. Suas presas se alongaram enquanto ele estava lá, a observando vagar pela sala, conduzindo as crianças para fora.

Sua frequência cardíaca triplicou no momento em que ele falou com a menina sobre sua pintura. Havia algo mais ali. Agora, ele não conseguia tirar sua mente de sua pele branca de inverno, que parecia tão sedosa quanto os lençóis em sua cama. Ele teve que fechar as mãos ao lado do corpo para não tentar testar sua teoria. E imaginá-la enroscada em meio aos seus lençóis…

A menina mais velha perguntou alguma coisa a Srta. Snow, que ele não ouviu, porque estava ocupado demais olhando para a curva esbelta de seu belo pescoço e a veia que pulsava rapidamente na base de sua garganta.

— Sim, Helena, obrigada. Eu vou limpar sozinha. — Quando Helena saiu com a mão no ombro da pequena loira, Brenna gritou. — Você pode deixar a porta aberta. — O olhar da Srta. Snow disparou para ele e depois se desviou.

Mulher inteligente. Ela sentiu o perigo, como a maioria dos humanos fazia em sua presença, mantendo uma rota de fuga disponível, caso precisasse. Não que isso importasse, ele poderia dominá-la se quisesse - com pouquíssimo esforço. Mas esse nunca foi seu jeito de fazer as coisas. Ou, sua intenção. Seu tio, o Rei Dominik, gozava de prazeres violentos, mas Friedrich era a ovelha negra da família - nunca tendo desenvolvido um gosto por incutir medo nos mortais inferiores. Nessa parte, ele e o Príncipe Marius eram bastante parecidos.

Ele estaria indo para o Baile de Sangue de Marius, na Torre de Vidro, em uma semana, para ver o Príncipe escolher uma nova concubina de sangue. Outra prática com a qual Friedrich nunca se importou. Ele preferia a companhia de várias mulheres e não mantinha um harém de sangue, como a maioria dos membros da realeza. No momento, ele não gostaria de nada mais do que a companhia íntima da beleza de cabelos negros dobrando o último pedaço de pano e colocando-o no armário.

Ele foi até a mesa dela e pegou um livro de poesia.

— Você lê Kalphus, Sua Graça?

Ele notou um ar de arrogância à pergunta dela quando ela finalmente parou de se mover pela sala e parou diante dele, mantendo um grande espaço entre eles, uma mão segurando levemente a outra, como uma dama recatada.

Ele olhou para o livro aberto na mão, tocando o dedo indicador com o anel de sinete estampado com um leão. Então, ele recitou.

— Criaturas descuidadas muitas vezes caem rápido demais, palavras impensadas as movem em caminhos perigosos.

Ela arqueou uma sobrancelha delicada e desafiadora para ele. Seu pau endureceu de uma vez. Felizmente, ela não percebeu, olhando para cima, refletindo.

— O vento do Norte sopra e o lobo deve uivar, como nobres senhores famintos... pela caçada e à espreita.

Ele arqueou uma sobrancelha também, puxando de memória os trabalhos mais obscuros e anteriores do poeta em questão.

— As damas são divinas no aspecto e no ar; portanto, as mais espertas na arte de enganar. Então, é melhor tomar cuidado.

Ela arregalou os olhos escuros e depois estreitou o olhar para ele. Seus lábios rosados franziram em desafio, e seu pênis ficou ainda mais duro.

— Um homem é um pilar de força e poder, protetor da casa contra o estranho na porta. Mas, não o idolatrem, senhoras. Pois eles não são deuses; carne e sangue, nada mais.

Ele não pôde conter seu sorriso, notando seu olhar alargado para seus caninos estendidos. Olhos castanhos escuros e ricos, que ele ansiava examinar um pouco mais de perto.

— Uma mulher que conhece Kalphus é uma mulher extraordinária, de fato.

Ela zombou, revirando aqueles lindos olhos para o céu.

— Eu sou uma mulher educada, Sua Graça.

— E linda.

Silêncio.

Ambos estavam presos na presença um do outro. Ele não soube por quanto tempo, até que sentiu a pulsação constante de seu coração, batendo tão rápido como as asas de um passarinho.

— É melhor eu ir. — Ele tinha certeza que ela entendia a urgência de sua saída. E, ainda assim, ela o desafiou com sua língua afiada.

— Foi um prazer finalmente conhecer você, Sua Graça. — Ela se curvou em uma reverência. — Talvez não leve mais três anos até nos encontrarmos novamente.

Em um borrão de velocidade, ele estava a centímetros de distância, segurando a mão dela, roçando seus lábios contra os nós dos seus dedos.

Sua inspiração e a leve dilatação de suas pupilas trouxeram sua fera interior à tona. Ele precisava sair, antes que o monstro dentro dele o incentivasse a dobrá-la sobre a mesa e provar seu sangue doce e rebelde. Ele sabia que, sem dúvida, ela teria um gosto bom... *tão bom.*

— Não. Eu vou te ver de novo, antes disso. — ele prometeu. — Muito antes disso. — Ele arrastou os lábios nas mãos dela mais uma vez, segurando seu olhar, mantendo a voz baixa. — Até breve, Senhorita Snow.

